

## RESENHA

### COMBATENDO NA RUA, NA POLÍTICA E NA INTERNET: RESENHA DE ANTIFA: O MANUAL ANTIFASCISTA, DE MARK BRAY

BRAY, M. **Antifa**: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

Sergio Schargel<sup>1</sup>

 10.21665/2318-3888.v8n16p169-176

Muito tem sido escrito sobre a recessão democrática global, os movimentos antidemocráticos que se espalharam e sobre qual conceito utilizar para classificá-los. Somente sobre manifestações de fascismos contemporâneos, podemos pensar em livros lançados nos últimos três anos como *Fascismo: um alerta* de Madeleine Albright (2018), *Como funciona o fascismo*, de Jason Stanley (2018), ou reedições de clássicos como *Fascismo*, de Evguiéni B. Pachukanis (2020). Mas não tanto foi publicado sobre o movimento de combate ao fascismo, o antifascismo, ou antifa, embora tenha tido um rompante de popularidade após o assassinato de George Floyd. O livro do historiador e militante Mark Bray *Antifa: o manual antifascista*, lançado em 2019, procura preencher parcialmente esse vácuo.

É perceptível em *Antifa*<sup>2</sup> o amalgama entre os dois universos do autor. O Bray historiador, acadêmico da *Dartmouth College* transborda para suas análises de

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela USP, doutorando em Comunicação pela UERJ. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestrando em Ciência Política pela UNIRIO. Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, ambas pela PUC-Rio. E-mail [sergioschargel\\_maia@hotmail.com](mailto:sergioschargel_maia@hotmail.com).

<sup>2</sup> Como seu próprio indica, é em sua essência um movimento de oposição ao fascismo, sob suas diversas vestes. Todavia, conforme Bray mostra, há antifascismos e antifascismos. Isto é, embora a mais simples oposição ao fascismo possa ser considerado como antifascista desde sua origem histórica, em um processo

fascismos históricos e contemporâneos, de como o conceito de fascismo evoluiu ao longo do último século e do combate igualmente secular dos antifascistas. Mas não é um livro com análises apenas acadêmicas ou historiográficas. Pelo contrário, seu lado militante – Bray foi um dos organizadores do *Occupy Wall Street*<sup>3</sup> – inunda a obra, em particular nas mais de 70 entrevistas com antifascistas espalhados pelo mundo.

Mas é impossível entender o antifascismo sem compreender, inicialmente, o que é o fascismo. Em alguns dos aspectos mais lúcidos do livro, Bray chama a atenção para a necessidade da conceitualização sóbria do fascismo, para que o próprio antifascismo faça sentido. Isto é, conforma lembra a história, quando o espantinho do fascismo é usado displicentemente – como alguns socialistas e comunistas fizeram ao classificar os social-democratas de social-fascistas (BRAY, 2019, p. 74-75) – não apenas dificulta a sua identificação, mas também o seu combate.

Por outro lado, Bray (2019, p. 14) também não é leviano com o fascismo: afasta-se da concepção, predominantemente liberal, de que ele não aparece sob novas formas contemporâneas e levanta a importância de tratar movimentos populistas e autoritários de extrema-direita pelo que de fato são. Ecoando as definições de populismo de Ernesto Laclau em *On populist reason*, Bray (2019, p. 16) mostra que o fascismo, em maior ou menor intensidade, é uma virtualidade presente em qualquer democracia de massas contemporânea.

Essa busca por uma utilização consciente do conceito é importante para, por exemplo, poder rejeitar as afirmações demagógicas de líderes de extrema-direita quando absorvem fragmentos da teoria liberal da ferradura para dizer que antifascistas são fascistas. Trump

---

que engloba parcelas conservadoras e liberais, por exemplo, o movimento antififa é “um método de política, um locus de auto identificação individual e de grupo, de um movimento transnacional que adaptou correntes socialistas, anarquistas e comunistas preexistentes a uma súbita necessidade em reagir à ameaça fascista. Essa interpretação política transcende a dinâmica de achatamento e redução do antifascismo à simples negação do fascismo, destacando suas bases estratégicas, culturais e ideológicas, das quais socialistas de todos os tipos emergiram.” (BRAY, 2019, p. 30). Em resumo, o movimento antififa se difere do antifascismo em seu sentido lato por se colocar como uma ferramenta de combate, majoritariamente associada à esquerda, às diferentes formas de fascismo.

<sup>3</sup> O movimento *Occupy Wall Street* surgiu no contexto que se seguia à crise financeira de 2008, sob a forma de protestos massivos contra o crescimento da concentração de renda nos Estados Unidos. Como o nome indica, os protestos e a ocupação ocorriam majoritariamente em *Wall Street*.

afirmou que era necessário cuidado contra um “fascismo de esquerda” (SMITH, 2020), ao passo que Eduardo Bolsonaro compartilhou uma falsa citação de Churchill – que, importante lembrar, era admirador de Mussolini até não muito antes do início da guerra (SCHARGEL, 2020) –, em que ele teria dito que fascistas do futuro se chamariam de antifascistas (GRAGNANI, 2020). Embora em muito se aproxime do fascismo, como Bray (2019, p. 174-175) aponta, muito mais perigoso do que os fascistas que se assumem como tal, são aqueles com diversos traços de fascismo, mas que buscam se afastar publicamente, preferindo o confortável rótulo de populista e/ou conservador de extrema-direita. Ainda que esse afastamento seja tão demagógico quanto suas políticas, como evidencia Trump e Bolsonaro citando Mussolini em repetidas oportunidades (AMADO, 2020), o secretário de imprensa de Trump negando que o Holocausto tenha sido culpa de Hitler (BRAY, 2019, p. 26), a foto de Bolsonaro com um homem travestido como Hitler (MORAES, 2020), o Secretário Especial de Cultura, Roberto Alvim, interpretando Goebbels (GÓES, ARAGÃO, SOARES, 2020), as repetidas banalizações do Holocausto por membros da *AfD* ou do *Front National* (DEUTSCHE WELLE, 2018), em uma lista que poderia se estender *ad nauseum*.

Nesse escopo, um dos pontos mais interessantes de *Antifa* é a discussão que Bray levanta acerca dos limites da liberdade de expressão. Bray (2019, p. 312) sugere ser necessário qualquer tática que esteja ao alcance para suprimir discursos de ódio. Sendo possível a utilização de táticas pacíficas, melhor. Mas na prática, uma carta de repúdio não é tão eficaz quanto, como ele mostra, alto-falantes abafando encontros neonazistas.

Com relativo sucesso, o historiador busca refutar o argumento libertário que absolutiza a liberdade de expressão – e a liberdade em si – como manifestação máxima do indivíduo. Um argumento que, ao contrário do que Bray (2019, p. 293) levanta ao citar John Stuart Mill, não contradiz o liberal inglês, considerando que Mill (1991, p. 102) já defendia os limites da liberdade individual quando prejudicial à liberdade de outros indivíduos, como ao afirmar que “Mesmo as opiniões perdem a sua imunidade quando as circunstâncias em que se exprimem são tais que a sua expressão constitui um incitamento positivo a algum ato nocivo”.

A argumentação da liberdade de expressão absoluta, como afirma, embora bela em teoria, é perigosa na prática. É necessário, portanto, paradoxalmente, que uma democracia exerça excepcionalmente traços pontuais de autoritarismo para cortar pela raiz discursos de ódio, movimentos fascistas ou nazistas para que a própria democracia se proteja do autoritarismo. Pois, tomando um exemplo brasileiro, caso Jair Bolsonaro tivesse sido condenado em suas consecutivas acusações de homofobia, racismo, ou apologia ao autoritarismo, é possível que hoje a democracia brasileira não tivesse o mesmo nível de degradação e cerceamento do espaço cívico. Em outras palavras, nenhum palco possível, como declara um dos antifascistas entrevistados: “o trabalho dos antifascistas é fazer com que os fascistas tenham muito medo de agir publicamente e também atuar como alvos voluntários do seu ódio e ataques, o que pode impedi-los de queimar a mesquita mais próxima” (BRAY, 2019, p. 45).

Alguns liberais contra-argumentam que esse tipo de tática tende a ser um tiro no pé: grupos fascistas ganham mais força conforme se procura esmagá-los. Embora não seja uma completa inverdade, Bray (2019, p. 31) mostra que consecutivas repressões acabam por normalizar o combate e o desprezo por este método de política: “Depois de Auschwitz e Treblinka, os antifascistas se comprometeram a lutar até a morte contra a possibilidade de nazistas organizados falarem qualquer coisa.” O perigo desse argumento é ele se estender para além de apenas os discursos de ódio, minando o dissenso necessário para a democracia agonística.

Não são todos os militantes que possuem a sobriedade de Bray e conseguem entender e identificar o fascismo. Não é improvável que essa espécie de supressão possa se alastrar para além dos fascismos, como ele mesmo aponta (BRAY, 2019, p. 286). Para além do absurdo do “social-fascismo”, análises marxistas possuem vício em identificar fascismos e liberaisismos como aspectos sinônimos (BRAY, 2019, p. 141). Nesse aspecto, talvez a solução resida no que John Rawls (2000, p. 07) chamou de “consenso sobreposto”, isto é, entendendo a democracia como o imprescindível dissenso ideológico, identitário e grupal, é imprescindível, porém, a existência de um consenso sobre as regras do jogo. Em outras palavras, é imprescindível o consenso sobre a liberdade de expressão, de religião, de crença e de ideologia, bem como a repressão sobre discursos e movimentos

que ameacem essas liberdades. A democracia, portanto, não deve ser absoluta para evitar o risco de destruir a si própria.

É evidente que *Antifa* não se aprofunda sobre todos os antifascismos históricos e contemporâneos. Pouco é dedicado, por exemplo, à resistência espanhola no pós-guerra civil ou mesmo aos *partisans* italianos, embora o primeiro capítulo trate de fascismos e antifascismos históricos, bem como da confusão da esquerda em combater a si própria ao invés de tratar os fascismos alemão e italiano com a devida seriedade.

Bray (2019, p. 42) assumidamente prefere trabalhar não apenas com antifascismos contemporâneos, mas também em regiões que o fascismo ainda se encontra em estágio de movimento, isto é, ainda não se tornou razão de Estado. Da mesma forma, um leitor talvez possa acusar o autor de eurocentrismo, dado que sua análise é focada principalmente, como ele mesmo se desculpa, na Europa e na América do Norte. A América Latina não recebe mais do que algumas piscadelas. Um defeito que, todavia compreensível pela limitação de conhecimento, tempo e espaço, não deixa de gerar lamentos, considerando o quanto visões de regiões periféricas poderia adicionar ao debate.

Entretanto, Bray (2019, p. 34) não poupa críticas ao norte: sublinha o pensamento de Aimé Césaire, que enxerga o nazi-fascismo não como uma decadência moral europeia – se afastando, portanto, de literatos como Thomas Mann e Albert Camus (SCHARGEL, 2020) – mas como a manifestação máxima de uma violência típica da Europa, uma violência aplicada consecutivas vezes sobre as colônias, mas nunca em tamanha intensidade sobre si própria.

Enquanto o primeiro capítulo trata principalmente de antifascismos e fascismos anteriores ao final da Guerra, o segundo se volta para a absorção desse legado na formação do antifascismo moderno, cobrindo de 1945 a 2003. Como o autor mostra, o fascismo se tornou um movimento em certos aspectos marginalizado após o final da Guerra, até pelo menos a década de 80 com a ascensão do *Front National* francês. Não menos violento, mas apenas não institucionalizado, sua presença passou a se limitar praticamente a movimentos de rua, como *hooligans* ou *skinheads*. Um cenário que se

altera com a recessão democrática contemporânea, cujo marco Bray identifica como 2003<sup>4</sup>, com a disseminação de partidos e políticos de extrema-direita por todo o mundo: *AfD*, *Front National*, Trump, Bolsonaro, *FPÖ*, Thierry Baudet, entre diversos outros. O “fascismo engravatado”, como Bray (2019, p. 161) aponta.

Um fascismo que, como foi dito anteriormente, busca se afastar do fascismo explícito embora incorra a muito de seus símbolos, características e discursos. Um fascismo muito mais complexo, muito mais difícil de ser combatido. O que gera um impasse entre os grupos antifas: ou priorizam fascistas assumidos, que oferecem pouco em termos de ameaça política, mas muito em ameaça física a curto prazo; ou voltam suas forças para o fascismo institucionalizado, muito mais perigoso a longo prazo (BRAY, 2019, p. 193). Uma exceção, como *Antifa* evidencia, é a Grécia, onde o *Aurora Dourada* mescla esses dois tipos de fascismo, inclusive com a polícia atuando como espécie de milícia, ao estilo dos camisas negras, já que cerca de metade da força policial do país apoia o partido (BRAY, 2019, p. 197).

Bray (2019, p. 215) também identifica um terceiro tipo de fascismo, a saber, um fascismo digital. Um fascismo que, segundo ele, espalha-se após 2014 com a formação da *alt-right*<sup>5</sup>, em particular em fóruns digitais. Um fascismo que conta com uma parcela significativa que, protegido pelo anonimato das redes sociais e da *internet*, faz pouco ou nenhum esforço para se travestir, diferente dos já apontados fascistas engravatados. Não obstante, Bray não poupa o próprio movimento antifa de críticas.

No geral, *Antifa* é um livro interessante que vale ser lido não apenas por qualquer um que se coloque contra o fascismo, o autoritarismo, o nacionalismo, ou o discurso de ódio em geral, mas também por acadêmicos. Mark Bray traz discussões importantes

---

<sup>4</sup> A *Freedom House* (2020), instituição que mede a democracia mundial, identifica o início da recessão democrática, agora em seu décimo quarto ano consecutivo, três anos depois, 2006.

<sup>5</sup> Segundo o próprio Bray (2019, p. 215), o termo *alt-right* foi criado por um líder do próprio movimento. Em resumo, a “direita alternativa” é abertamente mais extremista e busca se afastar de aspectos da direita tradicional, a quem identifica como apática e frágil, bem como de qualquer pretensão de tolerância democrática. Com grande presença no ciberespaço, em particular em fóruns digitais, na prática consiste em um rótulo que engloba diversos grupos extremistas: nazistas, fascistas, anarcocapitalistas e/ou reacionários. Conforme Shane Burley, especialista em *alt-right*, “Quando comparados aos neonazistas cantarolando com suas bandeiras e suásticas, o que diferencia a *alt-right* é sua aderência à tecnologia, os memes” (*apud* BRAY, 2019, p. 215-216).

acerca da necessidade da correta identificação do fascismo – evitando o excessivo rótulo ou a excessiva cautela na conceitualização – bem como algumas de suas distintas aparições, além do embate entre a necessidade de limites à liberdade individual.

Em época de recessão democrática e ascensão de fascismos cibernéticos, escancarados ou travestidos, um livro-guia à militância antifascista é essencial. Da mesma forma, em época que acadêmicos insistem no significativo vazio da utilização de “populista de extrema-direita” para classificar movimentos com traços evidentes de fascismo, o debate acadêmico e historiográfico do livro se torna igualmente imprescindível. Afinal, como sugere Bray (2019, p. 266), a grande ironia do antifascismo é que quanto mais bem-sucedido ele é, mais ele é questionado.

## Referências

ALBRIGHT, M. **Fascismo: um alerta**. São Paulo: Planeta, 2018.

AMADO, G. Bolsonaro posta frase de Mussolini. **Revista Época**. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/guilherme-amado/bolsonaro-posta-frase-de-mussolini-24456489>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

DEUTSCHE WELLE. Líder populista de direita minimiza impacto do Nazismo na história alemã. 02 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/l%C3%ADder-populista-de-direita-minimiza-impacto-do-Nazismo-na-hist%C3%B3ria-alem%C3%A3/a-44055784#>>. Acesso em: 26 set. 2020.

FREEDOM HOUSE. New report: Freedom in the world 2020 finds established democracies are in decline. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/article/new-report-freedom-world-2020-finds-established-democracies-are-decline>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

GÓES, B.; ARAGÃO, H.; SOARES, J. Roberto Alvim copia discurso nazista de Joseph Goebbels e causa onda de indignação. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-copia-discurso-do-nazista-joseph-goebbels-causa-onda-de-indignacao-24195523>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

GRAGNANI, J. O que dizem especialistas em Churchill sobre falsa citação feita por filhos de Bolsonaro. **BBC**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52885583>>. Acesso em 31 jan. 2021.

LACLAU, E. **On populist reason**. Londres: Verso, 2005.

MILL, J. S. **Sobre a liberdade**. Petropolis: Vozes 1991.

MORAES, M. Freixo recupera foto de Bolsonaro ao lado de ‘sósia’ de Hitler. **Br político**. Disponível em: <<https://brpolitico.com.br/noticias/freixo-recupera-foto-de-bolsonaro-ao-lado-de-sosia-de-hitler/>>. Acesso em 31 jan. 2021.

PACHUKANIS, E. B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

Rawls, J. **O liberalismo político**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

SCHARGEL, S. “Fascism is once more at our doors, and we still refuse to see and treat it by its name”: an interview with Cultural Philosopher Rob Riemen. **Revista Cantareira**, n. 33, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40711>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SMITH, D. US under siege from ‘far-left fascism’, says Trump in Mount Rushmore speech. **The Guardian**, 04 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2020/jul/04/us-under-siege-from-far-left-fascism-says-trump-in-mount-rushmore-speech>>. Acesso em: 07 set. 2020.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

*Recebido: 31.01.2021*

*Aprovado: 13.03.2021*